

**RESGATE, REABILITAÇÃO E SOLTURA DE UM GOLFINHO-DE-DENTES  
RUGOSOS, *Steno bredanensis* (LESSON, 1828),  
ENCALHADO NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS, SALVADOR, BA**

**RECUE, REHABILITATION AND RELEASE OF A ROUGH-TOOTHED  
DOLPHIN, *STENO BREDANENSIS* (LESSON, 1828), STRANDED  
IN THE TODOS OS SANTOS BAY, SALVADOR, BA.**

Bruno Lopes BASTOS<sup>1\*</sup>  
Rodrigo MAIA-NOGUEIRA<sup>1</sup>  
Suzana Mas ROSA<sup>1</sup>  
Luciana PEDREIRA<sup>1</sup>  
Gerson de Oliveira NORBERTO<sup>1,2</sup>  
Ivan Freitas da CUNHA<sup>1</sup>

**RESUMO**

O resgate e a reabilitação de cetáceos no litoral brasileiro ainda é uma atividade rara. Consequentemente, existem poucas histórias de casos publicados para servirem como base para os cuidados médicos destes animais. No dia 29 de outubro de 2001 foi encontrada uma fêmea de golfinho-de-dentes-rugosos, *Steno bredanensis* (CRMA#0005), presa entre as palafitas da favela dos Alagados, Lobato (12° 56'S; 038° 29'W), Salvador, Bahia. No dia 30 de outubro de 2001, o animal foi resgatado do local e transferido para um sistema de semi-cativeiro montado na praia do Museu de Arte Moderna, Gamboa (12° 59'S; 038° 32'W), Salvador, e deu-se continuidade aos trabalhos de reabilitação. O exemplar foi tratado com Dexametasona (2,0ml IM), Diazepam (2,0mL IM), Enrofloxacina (5,0mL IM) e Ivermectina (10mL IM), e foram coletadas amostras de sangue, fezes e fluido respiratório para posterior realização de exames complementares. O animal apresentou reações positivas com relação à medicação tranquilizante, e sua soltura foi realizada com sucesso no mesmo dia. Cicatrizes e marcas naturais individuais foram registradas em fotogramas, sendo possível o reconhecimento do indivíduo no caso de eventual reencontro.

**Palavras-chave:** *Steno bredanensis*, golfinho-de-dentes-rugosos, resgate, reabilitação.

---

<sup>(\*)</sup> Largo da Vitória, 2/102, 40130-110, Vitória, Salvador, BA, Brasil. Correspondência para/Correspondece to: B.L. BASTOS e-mail: maraibas@ig.com.br.

<sup>(1)</sup> Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos — CRMA, Sociedade de Pesquisa e Conservação dos Mamíferos Aquáticos.

<sup>(2)</sup> Parque Zoológico Getúlio Vargas.

## ABSTRACT

*The rescue and rehabilitation of cetaceans on the Brazilian coast is still rare. Consequently, there are few published data that can serve as a base for the medical care of these animals. On 29 October 2001, a female rough-toothed dolphin was found, *Steno bredanensis* (CRMA#0005), that was wedged between wooden supports of houses in the Alagados slum, Lobato (12° 56' S; 038° 29' W), Salvador, Bahia. On 30 October 2001, the animal was rescued and taken to a system of natural environment captivity set up by the beach of the Modern Art Museum - MAM, Gamboa (12° 59' S; 038° 32' W), Salvador, where the rehabilitation process continued. The dolphin was treated with Dexametason (2,0ml IM), Diazepam (2,0ml IM), Enrofloxacin (5,0ml IM) and Ivermectin (10ml IM), and samples of blood, feces and respiratory fluid were collected for posterior complementary exams. The animal reacted positively to the tranquilizing medication, and its release was successfully carried out on the same day. Scars and individual natural marks have been photographed, so that it can be recognized in case of restranding.*

**Palavras Chaves:** *Steno bredanensis*, rough-toothed dolphin, rescue, rehabilitation, Brazil.

## INTRODUÇÃO

O resgate e a reabilitação de cetáceos é uma atividade rara no litoral brasileiro, onde a falta de dados oriundos destas atividades reflete a gravidade da situação destes animais, cuja casuística mostra animais gravemente debilitados, onde as tentativas de reabilitação vinham sendo frustradas, e o resgate de carcaça tornava-se a atividade fim, como conseqüência (Zaniolo & Picanço, 1998). Desde 1999, o Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA) da Sociedade de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos resgatou e reabilitou cinco indivíduos, sendo um da espécie *Balaenoptera acutorostrata* (Lacépède, 1804) em 15 de junho de 1999, dois *Stenella clymene* (Gray, 1850) em 6 de junho e 23 de julho de 2000, um *Kogia simus* (Owen, 1866) em 10 de junho de 2000 (Rosa et al., 2000; Maia-Nogueira et al., 2001) e recentemente um *Steno bredanensis* (Lesson, 1828), golfinho conhecido vulgarmente no Brasil por golfinho-de-dentes-rugosos, golfinho-tosco, steno, toninha-preta, toninha, boto-de-capa ou boto (Pinedo et al., 1992; Hetzel & Lodi, 1993, 1997; Miyazaki & Perrin, 1994; Lodi & Hetzel, 1998<sup>1</sup>, 1998<sup>2</sup>; Soto & Motibeler, 2000) que ficou preso em uma enseada dentro da baía de Todos os Santos, ao ultrapassar uma rede de contenção.

O presente trabalho objetiva discutir o caso do resgate deste exemplar, bem como os demais procedimentos clínicos realizados e sua posterior soltura.

## MATERIAL E MÉTODOS

São apresentados dados obtidos através de um *S. bredanensis* encontrado preso entre as palafitas da favela dos Alagados (12° 56' S; 038° 29' W), entre os subúrbios do Lobato e do Uruguai, Salvador, Bahia, na Enseada dos Tainheiros, costa oriental da baía de Todos os Santos.

A espécie foi determinada com base nas características morfológicas, como o formato em cone da cabeça, onde não existe uma separação nítida entre o rostro e melão, a ponta do rostro, a linha da boca e parte da cabeça brancos, a presença de um manto dorsal negro bem característico, estreito anteriormente à nadadeira dorsal, sendo esta alta e bastante falcada, as nadadeiras peitorais grandes e pontudas, a caudal grande e larga, o corpo cinza escuro e o ventre bem mais claro, quase branco (Leatherwood *et al.*, 1988; Hetzel & Lodi, 1993/1997; Jefferson *et al.*, 1993; Carwardine, 1995) Hetzel & Lodi, 1997). Outra característica observada foi a presença de manchas, arranhões e pintas irregulares por todo o corpo, ocorrendo com mais freqüência nas laterais do corpo e no ventre (Hetzel & Lodi, 1993).

Para a captura, foi utilizada uma rede de nylon fio 0.40mm, malha de aproximadamente 2cm entre os nós, com 150m de comprimento por 3m de profundidade, com a ajuda de uma outra rede de cabos de seda de 8mm, com 5m de comprimento por 5m de profundidade, utilizada para “tanger” o animal, evitando que o mesmo conseguisse romper e atravessar a rede de nylon. A rede foi disposta em forma de círculo e 22 pequenas embarcações,

conhecidas por “traineiras”, fechavam o cerco, diminuindo o diâmetro do círculo formado pela rede. Para o transporte do animal, após a captura e para a soltura, foi utilizada uma das lanchas do Centro de Recursos Ambientais— CRA, com aproximadamente 27 pés de comprimento e motorização de popa de 200HP. O semi-catifeiro, o primeiro protótipo do projeto desenvolvido por Maia-Nogueira & Norberto (2002), consistia de um cerco confeccionado com rede de cabos de seda de 8mm e malha de aproximadamente 10cm entre os nós, com 125m<sup>3</sup> de área (5m x 5m x 5m). A borda do cerco foi mantida na superfície com o auxílio de flutuadores de espuma, e alguns técnicos permaneceram dentro do cerco, a fim de garantir o seu perfeito funcionamento e evitar alguma possível tentativa de fuga do animal. O mesmo foi montado na praia do Museu de Arte Moderna (MAM), Gambôa (12° 59' S; 038° 32' W), Salvador, local selecionado por ser abrigado, possuir relevo adequado à sua montagem, como fundo arenoso e pouca declividade, possuir águas limpas e pela ausência de público.

Para a colheita de material biológico seguiu-se os protocolos sugeridos por Geraci & Sweeney (1986) e, posteriormente, por Geraci & Lounsbury (1993). O

sangue foi coletado com seringa estéril e acondicionado em tubo Vacutainer com EDTA, as fezes foram coletadas através de defecação espontânea, sendo acondicionadas em frasco coletor estéril de boca larga, e o fluido respiratório obtido através de swab estéril. Durante o acompanhamento clínico, foram utilizados os medicamentos Dexametasona, Diazepam, Enrofloxacin, Ivermectina (Tabela 1).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**A “captura” do animal** - No dia 29 de outubro de 2001, um golfinho amanheceu entre as palafitas da favela dos Alagados (12° 56' S; 038° 29' W), entre os subúrbios do Lobato e do Uruguai, Salvador, na enseada dos Tainheiros, costa oriental da baía de Todos os Santos. O animal apresentava comportamento normal para a espécie, como natação lenta e tranqüila, intervalos respiratórios variando entre 30” e 90” (Tabela 2), mostrando pouco mais que o dorso quando emergia, e segundo populares foi visto perseguindo um cardume de peixes e, logo após, com

**Tabela 1.** Medicamentos utilizados no tratamento do *Steno bredanensis* (CRMA #0005), dosagens, vias de administração e finalidades.

Medicamento	Dosagem	V.A.	Finalidade
Dexametasona - Azium®	2 mL	IM	Terapia anti-choque
Diazepam - Valium®	2 mL	IM	Tranquilizante
Enrofloxacin - Baytril® 5%	5 mL	IM	Antibioticoterapia
Ivermectina - Ivermectin®	1 mL	IM	Vermífugo

V.A. = Via de administração; IM = Intra Muscular; ATB = Antibiótico.

**Tabela 2.** Frequências respiratória e cardíaca do *Steno bredanensis* (CRMA#0005) comparadas com padrões sugeridos por Townsend (1998) e Barnett et al. (1998).

Frequência	M 1	M 2	M 3	M 4	M 5	M 6	Townsend (1998)*	Barnett et al. (1998)*
Respiratória	30” - 90”	20” - 30”	60”	60”	10” - 15”	30” - 60”	20” - 60”	12” - 30”
Cardíaca			43 - 45 Bpm	43 - 45 Bpm	68 Bpm	72 Bpm	50 - 90 Bpm	

M1 = Momento 1: Antes do resgate, com o animal ainda na água; M2 = Momento 2: Após a captura, com o animal embarcado; M3 = Momento 3: Após a Diazepam, ainda embarcado; M4 = Momento 4: No semi-catifeiro, sob efeito da medicação tranquilizante. M5 = Momento 5: No semi-catifeiro, momento em que o motor da lancha foi ligado; M6 = Momento 6: Segundo transporte, minutos antes da soltura; Bpm = Batimentos por minuto; \* Valores de referência para pequenos cetáceos sem prévia medicação.

um peixe na boca. A equipe de resgate do Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA), chegou ao local por volta das 14:00h, cerca de 1h30min após ter recebido o chamado. Constatou-se a existência de uma enorme rede de contenção de lixo da prefeitura municipal, e que a mesma impedia o acesso do animal à saída da enseada. Foram cerca de 4h de observação, antes do cair da noite, para a elaboração dos procedimentos a serem adotados na manhã seguinte para a captura do animal. Chegou-se inclusive a tentar encurralar o animal com o uso de redes de pesca, mas o mesmo atravessava facilmente a malha fina das redes. Na manhã do dia 30 de outubro de 2001, às 8h a equipe do CRMA chegou ao local embarcada na lancha do CRA. Foram 3h de operações até que o animal fosse capturado. Durante os dois dias de operação, a população local atrasou o trabalho de captura do animal, perseguindo-o com traineiras, possivelmente por curiosidade, e atirando pedras sempre que o mesmo se aproximava. Viaturas da Companhia de Polícia de Proteção Ambiental (COPPA) da Polícia Militar do Estado da Bahia tiveram que ser acionadas para conter a população e permitir a continuidade dos trabalhos.

**O transporte para o semi-cativeiro** - Após a captura, o animal foi embarcado na lancha do CRA e imediatamente iniciou-se sua avaliação clínica inicial, onde foi confirmado que se tratava de uma fêmea não lactante de *S. bredanensis*, uma espécie robusta, onde as fêmeas podem pesar entre 136 e 158kg e medir entre 2,1 e 2,55m de comprimento total (Pinedo *et al.*, 1992; Hetzel & Lodi, 1993; Jefferson *et al.*, 1993; Carwardine *et al.*, 1995). Após um exame físico completo, levando-se em consideração a postura, comportamento e condições do corpo padrões para a espécie, e as medidas de peso e comprimento anteriormente citadas, foi constatado que o animal apresentava um bom estado corporal e nutricional, possuindo 2,3m de comprimento total e aproximadamente 150kg de massa corporal. Isto sugeriu que fosse uma fêmea adulta, visto que as fêmeas desta espécie atingem a maturidade sexual com aproximadamente 10 anos, quando atingem cerca de 2,1m de comprimento total (Hetzel & Lodi, 1997; Lodi & Hetzel, 1998a). O animal se apresentava em baixo quadro de estresse, caracterizado segundo descrições de Townsend (1998), com leves tremedeiras ocasionais no pedúnculo caudal e moderado incremento da frequência respiratória, além de não demonstrar agressividade como resposta ao manejo. Neste período sua frequência respiratória passou a ter intervalos menores, de 20" a 30" entre os

movimentos, que foram então comparados com os valores normais para pequenos cetáceos sem prévia intervenção medicamentosa citados em literatura especializada. Barnett *et al.* (1998) considera que a frequência respiratória normal é de 12" a 30" entre os movimentos e Townsend (1998) considera que a mesma seja de 20" a 60". Mesmo havendo considerável diferença entre os dados citados por ambos autores, a frequência apresentada pelo *S. bredanensis* foi considerada ainda clinicamente segura por se encontrar dentro dos limites de ambas as citações (Tabela 2). Foram aplicados Dexametasona, Diazepam, e Enrofloxacin (Tabela 1), de acordo com o protocolo de seqüência de medicações para cetáceos encalhados utilizado pelo CRMA. Deve ser ressaltado que apesar de tais drogas já terem sido utilizadas com sucesso em pequenos cetáceos (Nachtigall *et al.*, 1990), a sua segurança e efetividade ainda não podem ser considerados estáveis, portanto, as aplicações foram efetuadas apenas após um criterioso julgamento clínico veterinário, sendo as doses cautelosas. Sabe-se que, em situações de estresse, os odontocetos encalhados entram facilmente em choque, normalmente vindo ao óbito. Por possuírem efeitos antiinflamatórios e imunodepressores, os glicocorticóides desempenham importante papel na resposta ao estresse (Scott, 1984; Macedo & Oliveira, 1998). O Dexametasona, em doses maciças, é considerado muito útil em tratamentos dos vários tipos de choque, e tem indicação para um grande número de espécies animais (Mc Donald, 1992). O Diazepam, normalmente empregado como ansiolítico, relaxante muscular e anticonvulsivante (Booth, 1992; Bastos, 1998; Correia, 1998; Silveira, 1998), em baixas doses mostra efeito calmante em animais, reduzindo seu índice de estresse e sua agressividade, o que contribui para um melhor manejo. É interessante frisar que, ao contrário das indicações ortodoxas, tal droga pode ser administrada por via intramuscular (Pachaly, 2000). Após o uso do tranqüilizante a frequência cardíaca e respiratória do animal caíram para valores entre 43-45bpm e ~60", respectivamente, valores de frequência cardíaca abaixo dos padrões sugeridos por Townsend (1998) e Barnett *et al.* (1998) (Tabela 2) já sob efeito do tranqüilizante. Quanto ao antibiótico aplicado, o problema da resistência bacteriana aos antibióticos pelo seu uso indiscriminado tem um grande significado clínico, já que a cada ano que passa, torna-se menor o número de novas drogas que realmente sejam diferentes das já existentes (Campos, 1998). O uso da medicação no animal se embasou nos princípios de que o uso de qualquer medicação tranqüilizante ou anestésica,

glicocorticóides e quadros de stress interferem diretamente na homeostase da economia animal, deprimindo a resposta imunitária (Macedo & Oliveira, 1998; Andrade *et al.* 2001), expondo o paciente ao perigo de contrair infecções até por germes considerados banais ou que vivem no organismo, como saprófitas e que passam a atuar como oportunistas, podendo levar ao óbito por superinfecções (Macedo & Oliveira, 1998), e de que a água do local onde o golfinho fora encontrado, e já havia permanecido 24h, encontrava-se poluída. Além disto, a Enrofloxacina é uma quinolona das mais recentes, e o desenvolvimento de resistência a este grupo de antibióticos tem sido observado com menos frequência (Carvalho, 1998). Também é válido ressaltar que as quinolonas são notavelmente isentas de toxicidade para animais (Mc Dougal & Roberson, 1992). Durante toda a fase de transporte o quadro clínico do exemplar se manteve estável, apenas apresentando leves sinais de estresse, envolvendo leve tremedeira da cauda, além de tentativas de arqueamento de corpo, urinadas e defecações. As fezes foram coletadas para posterior exame laboratorial parasitológico, e segundo Geraci & Sweeney (1986), sua coloração verde acinzentado e consistência líquida viscosa se enquadram na normalidade. O transporte levou cerca de 20 minutos e durante todo o trajeto o animal foi mantido constantemente molhado e coberto com panos brancos e úmidos, a fim de prevenir queimaduras em sua pele. Um médico veterinário do CRMA assistiu o golfinho por todo o percurso.

**O semi-cativoiro** - O animal foi alojado em um sistema de semi-cativoiro (Maia-Nogueira & Norberto, 2002) montado na praia no Museu de Arte Moderna (MAM), Gambôa (12° 59' S ; 038° 32' W), Salvador. O animal foi monitorado por aproximadamente 1h, observou-se a sua natação, controlou-se as frequências cardíaca e respiratória, além de toda a coordenação motora e reflexos que se mantiveram estáveis. Foi coletado sangue da região ventral da cauda do animal e feito swab do fluido respiratório para posterior análise. Como última medicação sugerida pelo protocolo, como medida profilática, foi aplicado Ivermectina (Tabela 1), medicamento o qual vem sendo utilizado para controlar e tratar um amplo espectro de infecções causadas por nematóides e artrópodos que flagelam os animais, e é muito bem tolerado por muitas espécies (Bina, 1998). Devemos ressaltar que quando o motor da lancha foi reiniciado, para o embarque do animal e sua posterior soltura, a

frequência cardíaca do animal passou de 43-45bpm para 68bpm, e a frequência respiratória chegou a ter intervalos de 10" a 15" (Tabela 2), porém logo o animal recuperou a tranqüilidade. Concluída a fase de acompanhamento clínico, o exemplar foi novamente embarcado na lancha do CRA para que fosse transportado até o local da soltura.

**Último transporte e soltura** - Nesta segunda fase do transporte, o quadro clínico do animal permaneceu estável, sendo sua frequência cardíaca média de 72bpm e frequência respiratória com intervalos médios de 30" a 60", ambos os parâmetros considerados normais por Townsend (1998) e Barnett *et al.* (1998) (Tabela 2). A soltura do animal foi feita a cerca de uma milha náutica de Salvador, fora da baía de Todos os Santos, em cima do banco de Santo Antônio (13° 01' S ; 038° 32' W), um local escolhido por possuir um relevo bastante acidentado com profundidades entre 2m e 23m com visibilidade aproximada de 30m e fundo de areia, fatores que facilitavam as observações e avaliações dos técnicos do CRMA, e por ser um local conhecido de passagem de cetáceos. Em 1997 um grupo de cinco *S. bredanensis* foi observado um pouco mais ao sul do local onde o animal foi solto, porém, nadando em direção ao banco de Santo Antônio (Maia-Nogueira, Obs. Pess.). Após a soltura o animal permaneceu ainda algum tempo próximo à embarcação, quando, após uns 30' começou a seguir para o sudeste (130°SE), porém, ao engrenar a embarcação e iniciarmos o retorno o animal se aproximou novamente da embarcação e realizou o comportamento de surfar nas ondas produzidas pela proa da embarcação, comportamento conhecido por "*bowriding*" e após alguns segundos seguiu novamente na direção norte. O animal foi observado até ser perdido de vista. Durante o transporte até o local da soltura o animal foi acompanhado por dois médicos veterinários.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Todos os procedimentos realizados foram registrados através de fotogramas, que além dos procedimentos, registrou cicatrizes e marcas naturais individuais. Os fotogramas serão úteis, também, para o reconhecimento do indivíduo no caso de um eventual reencontro. Este animal e todos os dados obtidos nesta "operação" foram registrados sob o número de soltura do Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos CRMA#0005.

## AGRADECIMENTOS

A todos os membros do Centro de Resgate de Mamíferos Aquáticos (CRMA) e demais unidades da Sociedade de Pesquisa e Conservação dos Mamíferos Aquáticos. Agradecemos também ao Parque Zoológico Getúlio Vargas (Zoo Salvador), ao Centro de Recursos Ambientais (CRA), à Companhia de Polícia de Proteção Ambiental (COPPA) da Polícia Militar do Estado Bahia, IBAMA, à Bahia Marina, ao Saveiro Clube da Bahia, e aos pescadores Sidney, Aderbal e Celso, sem os quais não teríamos conseguido efetuar o resgate deste animal. À Msc. Maria do Socorro S. Reis (MAMA/BA), Milton Cesar C. Marcondes (CMA/IBAMA) e ao consultor anônimo pelas valiosas sugestões e revisão do manuscrito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A.L.V., PINEDO, M.C. & Barreto, A. S. 2001. Gastrointestinal parasites and prey items from a mass stranding of false killer whale, *Pseudorca crassidens*, in Rio Grande do Sul, Southern Brazil. *Rev. Bras. Biol.*, 61 (1): 55 - 61.
- BARNETT, J., KNIGHT, A. & STEVENS, M. 1998. **Marine Mammal Medic Handbook**. Kent: British Divers Marine Life Rescue 45 pp.
- BASTOS, C.L. 1998. Miorrelaxantes de Ação Central. In: Silva, P. **Farmacologia**. 5ed. Rio de Janeiro Guanabara Koogan. Capítulo 36. p. 328 - 333.
- BINA, J.C. 1998. Anti-helmínticos: Capítulo 117. In: SILVA, P. **Farmacologia**. 5ª edição. Editora Guanabara Koogan. p. 1123 - 1136.
- BOOTH, N.H. 1992. Agentes Psicotrópicos: capítulo 17. In: BOOTH N.H.; MC DONALD, L.E. **Farmacologia e Terapêutica em Veterinária**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 289 - 314.
- BOOTH, N.H. 1993. Hipnóticos, sedativos e anticonvulsivantes. In: BOOTH, N.H.; MC DONALD, L.E. **Farmacologia e Terapêutica em Veterinária**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. capítulo 14. p. 219 - 230.
- CAMPOS, L.C. 1998. Resistência aos Antibióticos: In: Silva, P. **Farmacologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. Capítulo 101. p. 968 - 978.
- CARVALHO, W. A. 1998. Quinolonas. In: SILVA, P. **Farmacologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. Capítulo 109. p. 1045 - 1059.
- CARWARDINE, M. 1995. **Ballenas, Delfines y Marsopas: Guía visual de todos los cetáceos del mundo**. Barcelona. Ediciones Omega. p. 190-191.
- CORREIA, J.M. da S. 1998. Hipnóticos. In: SILVA, P. **Farmacologia**. 5 ed. Rio de Janeiro Guanabara Koogan. Capítulo 35. p. 320 - 327.
- SILVEIRA, M.A.B. 1998. Ansiolíticos. In: Silva, P. **Farmacologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. Capítulo 31 p. 283 - 291.
- GERACI, J.R. & SWEENEY, J. 1986. Clinical Techniques: Marine Mammals (Cetacea, Pinnipedia, and Sirenia). In: Fowler, M.E. (eds). **Zoo & Wild Animal Medicine**, 2nd. New York W.B. Saunders. Chapter 47. p. 771 - 777.
- GERACI, J.R. & LOUNSBURY, V. 1993. **Marine Mammals Ashore : A field guide for strandings**. Texas A&M Sea Grant , Texas. p. 175 - 228.
- HETZEL, B & LODI, L. 1993. **Baleias, Botos e Golfinhos: Guia de identificação para o Brasil**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, p. 163 - 167.
- HETZEL, B. & LODI, L. 1997. **Baleias, botos e golfinhos da baía da Ilha Grande**. Rio de Janeiro. Manatí. p. 43.
- JEFFERSON, T.A., LEATHERWOOD, S. & WEBBER, M.A. 1993. **Marine Mammals of the World: FAO Species Identification Guide**. Roma. UNEP / FAO, p. 138 - 139.
- LEATHERWOOD, S., REEVES, R.R., PERRIN, W.F. & EVANS, W.E. 1988. **Ballenas, delfines y marsopas del Pacífico nororiental y de las aguas articas adyacentes: Una guía para su identificación**. Comisión Interamericana del Atun Tropical, Informe Especial Nº 6, La Jolla, California. p. 178 - 183.
- LODI, L. & HETZEL, B. 1998<sup>1</sup>. Simpático e pouco conhecido: Visto com frequência na costa brasileira, o golfinho-de-dentes-rugosos começa a ser estudado. **Ciência Hoje**. 24 (139): 60 - 62.
- LODI, L & HETZEL, B. 1998<sup>2</sup>. O golfinho-de-dentes-rugosos (*Steno bredanensis*) no Brasil. **Bioikos**, PUC-Campinas. 12 (1): 29 - 45.
- MACEDO, J. M. S. & OLIVEIRA, I.R. de. 1998. Corticosteróides: capítulo 81. In: Silva, P. **Farmacologia**. 5 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. p. 760 - 775.
- MAIA-NOGUEIRA, R., BARACHO, C.G. & SERRA, S.D. 2001. Revisão dos registros do gênero *Kogia* (Gray, 1846) (Cetacea, Physteridae, Kogiinae) no litoral nordeste do Brasil, incluindo dados osteológicos. **Bioikos**, Puc-Campinas, 15(1):50-59.
- MAIA-NOGUEIRA, R. & NORBERTO, G.O. 2002. Recinto móvel desenvolvido para a reabilitação de golfinhos (Cetacea : Odontoceti) em ambiente natural.

**Resumo: 26º Congresso da Sociedade de Zoológicos do Brasil.**

- MC DONALD, L.E. 1992. Hormônios que influenciam o metabolismo: capítulo 36. In: Booth, N. H.; Mc Donald, L. E. **Farmacologia e Terapêutica em Veterinária**. 6a Edição. Editora Guanabara Koogan. p. 493-526.
- MC DOUGALD, L.R. & ROBERSON, E.L. 1992. Droga antiprotozoários: capítulo 57. In: Booth, N. H.; Mc Donald, L. E. **Farmacologia e Terapêutica em Veterinária**. 6a Edição. Editora Guanabara Koogan. p. 768 - 782.
- MIYAZAKI, N. & PERRIN, W.F. 1994. Rough-toothed Dolphin *Steno bredanensis* (Lesson, 1828). In: Ridgway, S.H. ; Harrison, R. (eds). **Handbook of Marine Mammals, Vol. 5. The first Book of Dolphins**. Academic Press, London. p. 1 — 21.
- NACHTIGALL, P.E., PAWLOSKI, J.L., SCHROEDER, J.P. & SINCLAIR, S. 1990. Successful maintenance and research with a formerly stranded Risso's dolphin (*Grampus griseus*). **Aquatic Mammals**, 16 (1): 8 - 13.
- PACHALY, J.R. 2000. Principais drogas empregadas na contenção farmacológica de animais selvagens. *Arq. Ciên. Vet. Zool UNIPAR*, 3 (1): 87 - 94.
- PINEDO, M.C. ; ROSAS, F.C.W. & MARMONTEL, M. 1992. **Cetáceos e Pinípedes do Brasil: Uma revisão dos registros e guia para identificação das espécies.**, Manaus. UNEP / FUA p. 82 - 84.
- ROSA, S.M., MAIA-NOGUEIRA, R., BARACHO, C.G. & DÓREA-REIS, L.W. 2000. Notas sobre a reabilitação de cetáceos, no interior da baía de Todos os Santos, Bahia, Nordeste do Brasil. **Reunión de Trabajo de Especialistas en Mamíferos Acuáticos de América del Sur**, 9º Buenos Aires. Resume. p. 108.
- SCOTT, D.W. 1984. Terapia glicocorticoide sistêmica. In: KIRK, R.W. (eds.). **Atualização terapêutica veterinária : pequenos animais**. São Paulo. Manole. p. 1101 - 1108.
- SOTO, J.M.R. & MONTIBELER, A. 2000. O golfinho-de-dentes-rugosos, *Steno bredanensis* (Lesson, 1828) (Cetacea, Delphinidae), no sul do Brasil. **Alcance**, Itajaí, 4: 79 - 86.
- TOWNSEND, F. I. 1998. Medical Management of Stranded Small Cetaceans. In: FOWLER, M. E. (eds). **Zoo & Wild Animal Medicine**, 4 Ed. New York . W. B. Saunders Company. p. 485 - 493.
- ZANIOLO, G. & PICANÇO, M. 1998. Relato de resgate e reabilitação de golfinho *Stenella sp.*, em cativeiro no Centro Peixe-Boi / IBAMA. In. Reunião de Trabalhos de Especialistas em mamíferos Aquáticos da América do Sul 8., Olinda. Resumo p. 229.

